

VISÃO DO CORREIO

Taxa de juros muito além da inflação

A economia dá sinais de desaceleração e já provoca redução de preços no atacado, com os indicadores registrando deflação e apontando para o arrefecimento dos reajustes de preços. Em abril, o Índice Geral de Preços — Ió (IGP-10) teve deflação de 0,58% puxada pela queda de preços ao produtor. O Índice Geral de Preços — Mercado (IGP-M), que serve de base para o reajuste dos aluguéis, variou 0,05% em março, acumulando alta de 0,20% no ano e de 0,17% em 12 meses. Para mostrar o recuo forte dos preços, basta lembrar que em março do ano passado o indicador registrava alta de 1,74%, com aumento de 14,77%. Mesmo com esse sinal claro de desaceleração da inflação e os preços das commodities agrícolas recuando, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central deve manter a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% na reunião de 2 e 3 de maio.

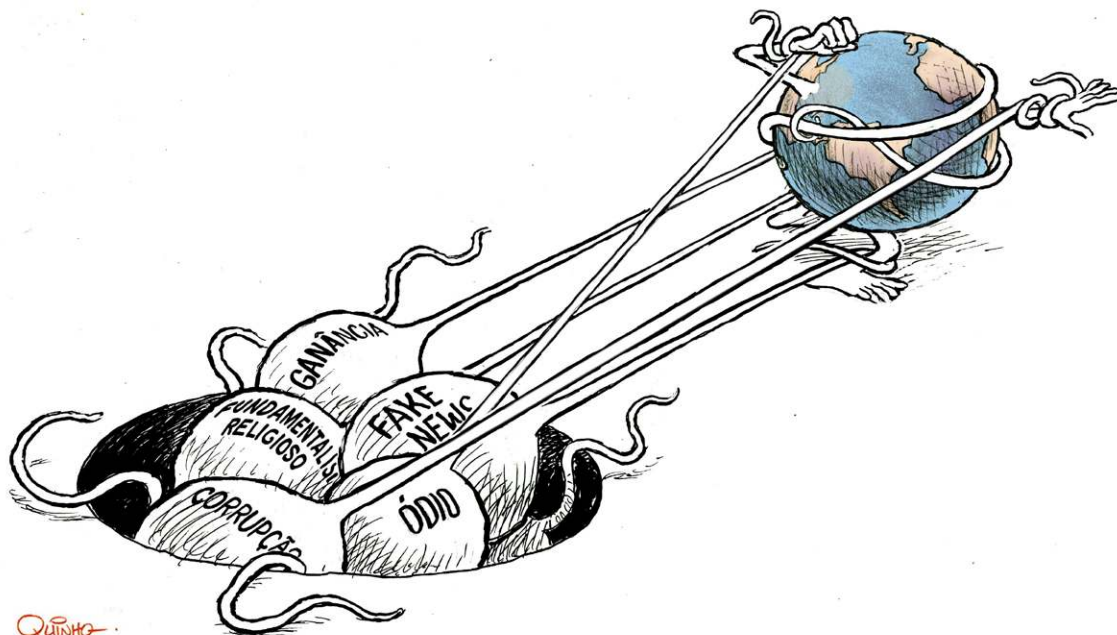
Isso porque a expectativa é de que os preços voltem a ser pressionados no segundo semestre. Entidades do comércio e da indústria avaliam que a redução nas taxas de juros já deveria ocorrer nesta reunião, mas economistas e empresários de outros setores entendem que o Copom iniciará a redução das taxas a partir de agosto, havendo convergência para que a expectativa chegue a 12,50% no fim do ano. Isso significa que a taxa de 13,75% será mantida também na reunião de 20 e 21 de junho, podendo cair 0,25 ponto percentual no encontro seguinte, em 1 e 2 de agosto. O recuo para o patamar de 12,50% pode ser feito com dois cortes de 0,5 ponto percentual nas três reuniões restantes até dezembro.

A aprovação do novo arcabouço fiscal no Congresso pode ampliar a expectativa de corte da taxa de juros, principalmente se o mercado financeiro projetar

taxas menores em prazos mais longos. O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, frisa não saber a partir de quando os juros vão cair, mas observa que a economia não gira em torno da Selic. Em sabatina no Congresso, Campos Neto observou que o núcleo da inflação (excluindo efeitos de desoneração e oneração de preços) ainda é muito alto, ficando em torno de 8% em 12 meses e caindo para 7% no primeiro trimestre deste ano, ainda longe da meta de inflação fixada em 3,25% para este ano. Na prática, é a inflação quem vai determinar o momento de redução dos juros.

É preciso lembrar ainda que as taxas de juros não são determinadas apenas pela inflação e sofrem os efeitos da dívida pública elevada e do volume de crédito subsidiado. Em sabatina na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, Campos Neto lembrou que o crédito direcionado no Brasil representa 42% do volume total, enquanto no México é 26%, na Colômbia, 3,8% e na China, 2,1%. São créditos com subsídios, como o rural, o imobiliário e os empréstimos do BNDES.

Ao governo cabe, em lugar de criticar a autoridade monetária, buscar medidas e mecanismos para permitir que as taxas de juros recuem, com a aprovação do arcabouço fiscal e a busca de medidas para assegurar a redução do déficit neste ano e o equilíbrio nas contas públicas no ano que vem, zerando o déficit primário. É essa percepção de que as metas fixadas nas novas regras de controle de gastos a serem votadas no Congresso serão cumpridas e evitarão a aceleração da dívida pública. Inflação em baixa e credibilidade e confiança na política econômica vão permitir a redução das taxas de juros, não de forma artificial como ocorreu no passado e sabemos bem as consequências.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: redat.df@dabr.com.br

Ayrton Senna

Em 1º de maio de 1994, uma curva traiçoeira mudou a história do esporte. Quando a Williams de Ayrton Senna passou reto na Tamburello a mais de 300km/h, o Brasil perdeu um de seus maiores ídolos. Da batida forte no muro de proteção à notícia da morte, algumas horas depois, o país inteiro sofreu. E 29 anos não foram suficientes, nem de longe, para apagar da memória os feitos extraordinários do piloto. O tricampeão mundial de Fórmula 1 (1988, 1990 e 1991) largou na pole position do GP de San Marino, em Imola. Quando sofreu uma queda na barra de direção, o carro perdeu o controle na curva e bateu forte no muro. Um dos braços da suspensão dianteira foi projetado contra o capacete de Senna. A angústia chegou ao auge quando a morte foi confirmada no Hospital Maggiore, em Bolonha (Itália), após frustradas tentativas dos médicos. Naquele domingo, o torcedor brasileiro viu pela TV o fim abrupto de uma trajetória brilhante que começou bem antes da Fórmula 1. Senna passou pelo automobilismo inglês e conquistou títulos em todas as categorias: F-Ford 1600, 2000 e F-3 Inglesa. No principal palco do automobilismo, o tricampeão venceu 41 vezes e fez 65 poles positions para garantir seu lugar entre os maiores nomes da história, num prestígio que ultrapassa as fronteiras do Brasil e até do próprio automobilismo. Além da competência nas pistas, Senna ficou conhecido pela generosidade fora delas. Ele iniciou obras filantrópicas que resultaram no Instituto Ayrton Senna, que hoje atende cerca de 400 mil crianças e jovens em todo o Brasil. Ayrton Senna, você é inesquecível!

» José R. Pinheiro Filho,
Asa Norte

Racismo

Não há como não ficar indignada com o que ocorreu com a professora arrancada de um voo da Gol. O motivo superou a barreira do esdrúxulo. Ela queria apenas preservar o laptop que carregava na mochila, ao usar o compartimento para bagagens de mão acima dos assentos dos passageiros. O comandante do voo mobilizou três policiais federais. Uma afronta inominável, característica do racismo impregnado neste país e que domina as decisões dos que se acham ser melhores humanos por ter a pele branca. Além do racismo explícito na decisão, houve danos morais, constrangimento e humilhação. Se fosse uma mulher branca, jamais o comandante faria o que fez. A professora reagiu muito bem e com a dignidade que faltou ao comandante e ao restante da tripulação. Grave também foi a atitude subserviente dos policiais à ordem desprezível do comandante. Como agentes da polícia, eles poderiam ter comprovado que a professora negra não era uma terrorista e sua mochila não colocava em risco a vida de ninguém. Mas escolheram se

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Assassino, esturador e beneficiado pelo “saidão”. Até quando? O Estado deveria ser responsabilizado e indenizar a família da jovem Regiane da Silva.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

O estupro e assassinato da jovem Regiane por um monstro que cumpria pena por ser esturador recorrente, mostra os critérios para os saidões estão absolutamente errados.

Joaquim Honório — Asa Sul

Do jeito que as coisas vão, negros não poderão viajar de avião. Todos serão suspeitos, assim como age a polícia.

Pedro José Almeida — Guará I

submeter à ordem do piloto, mesmo sendo um ato de racismo explícito. Por que os demais passageiros puderam guardar seus pertences de mão no mesmo espaço que foi negado à professora negra que teve que ser levada a um posto da polícia por defender o seu direito? Vergonha federal!

» Leonora Lima,
Núcleo Bandeirante

Barbárie

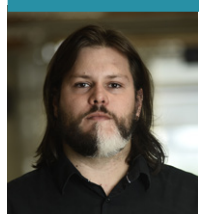
A barbaridade cometida contra a jovem Regiane não será a última. Não dá para culpar a política de armas nem o discurso de ódio. O homicida tinha seis condenações judiciais desde 2004, mas recebeu as inúmeras regalias dedicadas a quem se ocupa do crime, tais como vitimismo, visitas, salário de preso, progressão de pena e saídas, das quais não voltou em 2013 e de novo agora. Como uma fera com histórico de roubo, ameaça e estupro, com penas que somam 45 anos, tinha o privilégio de sair da prisão com tendência a não retornar? É o resultado da tendência da Justiça brasileira de beneficiar sempre o criminoso e culpar a vítima. Pode-se imaginar o que acontecerá com o desencarceramento em massa, prometido pelo governo? O Brasil é o paraíso dos criminosos, que sempre podem contar com um habeas corpus e com a devolução de bens confiscados. Só não há habeas corpus da Justiça nem uma palavra de comisseração dos bem pagos defensores dos direitos humanos para as vítimas desses anjinhos.

» Roberto Doglia Azambuja,
Asa Sul

Grilagem e cinema

Num verdadeiro apostolado, como defensor de políticas habitacionais no Distrito Federal, volta Aldo Paviani, professor emérito da Universidade de Brasília, a bater em tecla essencial, em carta a esta seção (28 de abril de 2023). Chama ele mais uma vez a atenção dos poderes públicos para a ocupação irregular de glebas em nosso território, especialmente naquelas pretendidas para moradia, nas áreas tuteladas pelo governo. Os que, como nós, militam na atividade cinematográfica em Brasília somos legítimos beneficiários, por lei, de cessão importante de área há muito destinada ao Polo de Cinema, localizada em Sobradinho. Entretanto, aquele sítio vem sendo sorrateiramente invadido por conta da grilagem que impunemente vem assolando diversos setores do DF. O governo devia, de fato e de direito, agir, intervindo com programas que atendam de forma justa à demanda cada dia maior, seja da habitação ou de reclamos genuínos do setor agrário. Mas sem prejuízo para aqueles que já foram contemplados como é o nosso caso.

» Vladimir Carvalho,
Asa Sul



VICTOR CORREIA
victorcorreia.df@cbnet.com.br

Fortalecer o trabalho

O país é construído pelos trabalhadores. Pensar nos interesses e necessidades de quem acorda cedo todos os dias para ganhar seu sustento é pensar na vasta maioria dos brasileiros, sem a qual nada acontece. Servidores públicos, motoristas de ônibus, vendedores, gerentes, *freelancers*, trabalhadores informais e este que vos escreve fazemos todos parte da turma que, com seu trabalho, gera o valor que faz girar as engrenagens da sociedade, do comércio ao mercado financeiro.

Há, porém, grande disparidade dentro desse grupo. Boa parte dos brasileiros opera na informalidade, por falta de opção. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, no último trimestre de 2022, a taxa de informalidade no mercado foi de 38,8%. Ao todo, foram 39,145 milhões de empregados sem carteira assinada.

Na informalidade, os brasileiros ganham salários menores — menos que o mínimo, muitas vezes — e não têm a contrapartida do Estado brasileiro por sua contribuição, ou seja, direitos como aposentadoria, férias, 13º, entre outros.

Os dados de informalidade da PNAD incluem apenas empregados sem carteira assinada. Desempregados e autônomos não entram no bolo. Fica de fora uma outra questão, que precisa ser avaliada com cuidado. Um levantamento feito pelo Sebrae e divulgado em agosto

do ano passado aponta que 90% dos empreendedores têm apenas um funcionário (eles mesmos), e metade recebe um salário mínimo.

Dessa forma, por trás de um discurso distorcido sobre empreendedorismo esconde-se outra face da informalidade: as pessoas que abrem “empresas” por não encontrarem outra forma de vender sua força de trabalho.

Na outra ponta do emprego, há quem ganhe grandes salários — e de forma justa, na grande maioria dos casos. Também são trabalhadores, mesmo que alguns deles neguem. A menos que você possa se dar ao luxo de nunca mais acordar cedo na vida, bem-vindo ao clube.

O fato é que a relação do Brasil com o trabalho precisa ser revista. Tratamos muito mal nossa força produtiva. Não é razoável acreditar que conseguiremos um bom nível de desenvolvimento nos próximos anos sem encontrar uma forma de valorizar quem está na ponta. Importante frisar que, por trás de todos os indicadores econômicos que lemos diariamente nestas páginas, há trabalho humano. Até os *bots* e inteligências artificiais ainda precisam de nós.

Precisamos discutir como abrir novas vagas formais, como valorizar e qualificar a força de trabalho já existente, e como incentivar as próximas gerações de trabalhadores. É imperativo ainda cobrar medidas do atual governo, que tanto preza o tema. O que será feito?

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211 - Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfri@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS; Tel.: (51) 3231-6267; E-mail: hmr@hrmmtmidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Éxito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Pinalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioabril.com.br>
Os serviços noticiários e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação e sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalizado para pesquisa em jornais e cópias:
SIG-Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 -
Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 837,27

360 EDIÇÕES
(promocional)

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA LOG

Agenciamento de Publicidade